



## **ST: GÊNERO, INTERSECCIONALIDADES E FEMINISMOS NOS SERTÕES**

**Coordenadoras:**

**Rosemere Olímpio de Santana (UFCEG)**

**Dayane Nascimento Sobreira (UEPB)**

**Kássia Mota de Sousa (UFCEG)**

**Ana Veiga (UEPB)**

O objetivo deste ST é agregar pesquisas e propostas que problematizam as relações de gênero, a história das mulheres e dos feminismos nos Sertões. Logo, as experiências e existências que são construídas em territórios ou paisagens periféricas e nas margens, que acionam sujeitos e questões em torno das mulheres, gênero, sexualidade, feminismos, “raça”, etnia e geração interseccionadas. Essas problemáticas serão pensadas a partir da ideia e do espaço dos sertões entendido não só como espaço físico, mas também político, cultural e social.

### **“AVÉ MARIA, RESISTÊNCIA DE MAIS”: A CRIAÇÃO DA PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO DE APOIO, DEFESA E CIDADANIA AOS HOMOSSEXUAIS (AADECHO), EM JUAZEIRO DO NORTE/CE (2000 – 2007)**

Cicero Leandro da Silva Batista  
Universidade Federal de Campina Grande  
cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

**RESUMO:** A presente pesquisa se propõe a trabalhar a trajetória do advento da primeira instituição criada na cidade de Juazeiro do Norte, a qual tinha o intuito de acolher e prestar assistência à população homossexual da cidade, a Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO). O grupo teve um papel fundamental no seu pioneirismo como primeiro movimento de militância na região do Cariri cearense. A associação foi criada no ano de 2002, por um grupo de amigos, que, diante da situação imposta à população homossexual, se uniram para fundar a instituição. O trabalho se propõe a discorrer sobre o pioneirismo da entidade, a prestatividade na oferta de serviços de ordem básica, como saúde. Além de frisar o valor que a fundação teve em propor no âmbito social e político, a criação de discussões sobre os papéis de gênero e a construção de uma sociabilidade para a comunidade homossexual. Incentivando a construção de políticas públicas que atendessem a esses indivíduos, pavimentado assim o caminho para a aparição de outros grupos que pudessem dar continuidade ao movimento. Para a sua construção, utilizamos uma entrevista concedida por um dos fundadores da AADECHO, bem como matérias do Jornal Diário do Nordeste.

**Palavras-chave:** AADECHO; Militância Homossexual; Resistência; Juazeiro do Norte.

#### **1. Introdução**



Esse artigo é um desdobramento de uma pesquisa de conclusão de curso. Ao analisar a emergência do movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte, nos deparamos com a história da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos homossexuais (AADECHO). Fundada no ano de 2002, a associação foi o primeiro grupo registrado que deu início à atuação de um movimento de militância homossexual na região Cariri cearense. Tendo em vista o valor que a fundação teve, visamos construir um trabalho que pudesse dar conta da trajetória da associação. Evidenciar os pormenores de como a associação surgiu, os serviços prestados, as resistências enfrentadas e a sua relevância enquanto primeira fundação organizada a atuar em favor da causa no município.

O trabalho estará dividido em duas seções, de início abordaremos brevemente a atuação do movimento na conjuntura social brasileira, evidenciando as conquistas logradas e os embates sociais travados. No segundo momento, objetivamos apresentar de que modo a instituição se constitui enquanto agente reivindicador em favor da população homossexual na cidade, o contexto histórico e a importância ímpar que a associação em pavimentar o caminho para a vinda de outros grupos que pudesse da continuidade ao movimento.

Para a fabricação do trabalho, é analisada uma entrevista concedida por um dos fundadores do grupo AADECHO e que na época ocupou o cargo de diretor administrativo da organização. Além da entrevista, analisaremos algumas matérias do *Jornal Diário do Nordeste*, que em muitas das suas matérias referentes ao Cariri, evidenciou o trabalho que estava sendo desenvolvido pelo grupo.

## **2. Panorama da emergência e atuação do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil**

Concordamos com as autoras, Livia Dutra e Marcela da Silva, quando afirmam que “os movimentos sociais representam agentes no processo de construção e efetivação de políticas sociais” (2019, p.1). São esses agentes sociais que diagnosticam os espaços e as ações públicas, promovendo políticas unas e coletivas em detrimento de sujeitos historicamente marginalizados ou que são negligenciados pelo Estado. Atuando de forma propositiva e reivindicatória em direção à garantia da cidadania para esses indivíduos.



Nesse norte, teve e ainda tem grande valor a militância de indivíduos portadores de múltiplas identidades, agenciadas em um movimento com o intuito de construir uma cidadania plena e ativa para a comunidade LGBTQ+. Foi, por meio da sua atuação no Brasil e no mundo, o responsável por incentivar e reivindicar políticas estatais sexuais. Tomando esse caminho, tomaremos como finalidade abordar brevemente a atuação do movimento de militância homossexual no país e a sua efetivação enquanto agente social.

Sem dúvida, o grande marco da luta homossexual, que a projetou para o conhecimento na cena pública, foi a Rebelião de Stonewall, deflagrada em 28 de junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, nos EUA. Assim como salienta Luana Molina (2011), foi apenas o início de um movimento que não ficaria confinado à cidade novaiorquina, se espalhando por todo o mundo. Sobre a importância da rebelião, Eliane Berutti destaca:

[...] The Stonewall Inn foi palco da pior batida de polícia de sua história e viveu seu momento final. [...] Faz-se desnecessário pontuar por que todos os anos de invisibilidade e opressão finalmente explodiram no confronto com a polícia. Um ano depois, com a intenção de comemorar as revoltas de Stonewall, [aconteceu] a passeata do Orgulho Gay tomou conta das ruas da cidade de Nova York (2010, p. 40).

Apesar de a rebelião em Nova York ser caracterizada como o grande marco da militância, autores como James Green (2003), Hiro Okita (2007) e Edward MacRae (2011) salienta haver registro de algumas manifestações anteriores a Stonewall pela Europa.

Destaca Vinícius Rodrigues (2019), que a Europa teria sido o berço dos primeiros incentivos à promoção de auxílios a esses indivíduos. Um deles foi na Alemanha nazista, quando no Holocausto, em meio à perseguição e morte desses sujeitos, registram-se tentativas de defesa dessas pessoas. Quando os conflitos gerados pela Segunda Guerra foram intensificados, esses incentivos acabaram sendo abandonados. Posteriormente, na década de 50, no período pós-guerra, essas tentativas de criar espaços de convivência para essa comunidade foram novamente retomadas.

Desta forma, a Rebelião de Stonewall deu início a um movimento homossexual moderno, o qual conhecemos hoje. Ações arregimentadas em pautas e ideais políticos. Militância que passava a compreender que esse novo espaço de atuação que estava surgindo seria um espaço de atuação em conjunto com outros agentes sociais.



Atualmente, o movimento liderado pela comunidade homossexual se consagra como um dos movimentos mais atuantes em todo o mundo. Apesar do seu apogeu e da visibilidade que o movimento conseguiu adquirir para suas pautas, as ações não podem ser cessadas. Tendo em vista que a militância é feita contra os estigmas de anormalidades, padrões normativos, conceitos e normativas de gênero, que não se acabam, mas sempre são ressignificados. Além disso, é necessário salientar a fragilidade da manutenção de políticas públicas na democracia brasileira, o que denota ainda mais valor o incentivo à continuação dessas ações no país.

Quando o movimento enfim chega ao Brasil, no final da década de 70, atuando em defesa dos homossexuais, ele não atuava sozinho, dividiu o palco da sociedade civil com outros agentes sociais. Grupos que estavam retornando ou surgindo na arena social brasileira, como o movimento feminista, estudantil e dos trabalhadores. A década de 70 foi o grande celeiro dos movimentos associativos no Brasil, agentes que ajudaram a pavimentar o caminho rumo à cidadania e à democracia.

Apesar das mudanças que esses grupos estavam promovendo no contexto social, como bem destaca Maria da Glória Ghon (2013), esses grupos que surgiram na década de 70 não estavam alto centrados em seus objetivos, manifestavam-se pelo direito de ter direitos, mas sem conhecer de fato os seus direitos. Em muito, passaram a atuar conjuntamente no terreno ditatorial, praticando o que Ghon e MacRae caracterizam como movimento do espelho, tomando as ações de outros grupos como norte na formulação das suas próprias posições.

Precisamos caracterizar que, desde que passou a atuar no país, o movimento LGBT+ nunca foi um grupo homogêneo. Grande parte das suas reivindicações e pautas acaba por se caracterizar por atender a públicos específicos no movimento. Renata Camaroti (2009) destaca que o reconhecimento por parte da medicina em retirar a homossexualidade da cartilha de doença em 1985, para a época, foi considerado uma grande conquista para os homossexuais. Por outro lado, grupos como as travestis reivindicavam outras ações bem mais pontuais às suas identidades.

Na baila da atuação da militância homossexual brasileira, não poderíamos deixar de mencionar a contribuição dada pelo *Jornal Lâmpião da Esquina* e o grupo SOMOS. O *Jornal Lâmpião* atuou de 1978 a 1981, na chamada imprensa alternativa, um tabloide fundado e editado por um grupo de homossexuais. Ao longo de 40 edições, o jornal trouxe assuntos e



temáticas que interessavam não só à população homossexual, mas a todos aqueles grupos minoritários marginalizados.

Na edição de número zero, que tinha como título “*Saindo do Gueto*”, o qual teve grande magnitude nos primeiros momentos de atuação do chamado Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Pois incitava os militantes que revelassem os seus segredos, assumindo as suas sexualidades com orgulho, e fizesse dela uma arma, um gesto político em meio à repreensão (CAMAROTI, 2009, apud CONDE, 2004).

Já o grupo SOMOS, Grupo de Afirmação Homossexual, teve grande relevância, pois, mesmo que de forma bastante escondida e restrita, visou promover discussões acerca da homossexualidade, de como esses indivíduos poderiam enxergar a sua sexualidade. Esses dois mecanismos foram de suma importância para o movimento, ao permitir que discussões em torno da sexualidade chegassem a essas pessoas que faziam parte do SOMOS quanto quem acompanhava as edições do *Lampião*.

Uma das primeiras conquistas do grupo homossexual brasileiro, sem dúvida, foi o abandono do entendimento da homossexualidade como doença. Como grandes articuladores desta conquista, são destacados os nomes do antropólogo Luz Mott, líder do Grupo Gay da Bahia (GGB), e do advogado João Antônio Mascarenhas, fundador do Grupo Triangulo Rosa. Ambos desempenharam, junto ao Conselho Federal de Medicina (CFM), uma grande movimentação que incluiu manifestações, pedidos e cartas. Atendendo à massiva campanha, o CFM anulou a resolução 302,0, que tipificava a homossexualidade como doença mental (CAETANO, RODRIGUES E SILVA, 2019).

Apesar de grande resistência social e moral imposta aos homossexuais, o movimento persistia na sua luta social no Brasil. Em 1980, com a emergência da epidemia de HIV/AIDS, o grupo passará a sofrer um revés, “nesse contexto, assumir publicamente esta identidade, era reconhecer também a acunha de câncer gay ou peste gay, como ficou conhecido a doença na maior parte desta década no país” (CAETANO, RODRIGUES E SILVA, 2019, p.14).

Com o estigma dos vírus, os indivíduos não queriam se associar ao movimento, o que causará um revés na trajetória do movimento. Somente na década de 90, que a militância voltará a atuar novamente com efervescência na cena pública, agora com novos objetivos.



Salienta Dutra e Silva (2019), que a chegada do HIV no país cerceou o avanço do MHB, mas não o parou. Na década de 90, quando a militância se estrutura novamente, ele passara a atuar implantando uma campanha contra a AIDS e contra o estigma associado à homossexualidade. Foi a partir desse momento que o país entrou para a história como o primeiro a atuar conjuntamente com a sociedade civil contra o vírus.

Destaca a socióloga Ghon (2013) que o Estado, em um regime democrático, é o principal garantidor da manutenção do direito à cidadania a todos os indivíduos. Para além do conceito de cidadania, a socióloga estabiliza o conceito de cidadania ativa e cidadania passiva. Para ser constituído como um cidadão de verdade, o sujeito não pode ser um cidadão passivo socialmente. Ser cidadão é estar em um constante processo de reivindicação e cumprimento dos seus deveres enquanto pertencente a um Estado.

Sendo assim, grande relevância teve e ainda tem a atuação da militância homossexual para a pavimentação rumo à cidadania. Principalmente em um país como o Brasil, com raízes marcadas pelo desprezo a toda imagem que diverge do padrão normalmente aceito. Graças à sua atuação, hoje podemos contar, mesmo que ainda insuficientes, com políticas públicas e mecanismos que ajam contra a discriminação.

Dentre essas ações podemos citar o entendimento do Supremo Tribunal Federal que, em 2019, tipificou a homofobia como crime inafiançável. Além dessa, desde 2013, é assegurado pela lei o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Essas e vários outros direitos que a constituição do cidadão garante que eram negados só foram possíveis graças à ação desses indivíduos. Por isso é tão importante que possamos lutar e incentivar a manutenção desses grupos, pois além de trabalhar para lograr conquistas como essas citadas, são guardiões das já conquistadas.

### **3. Trajetória da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO)**

A partir desse momento, tomaremos como objetivo apresentar a trajetória da fundação da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO). Fundada no ano de 2002, foi a primeira instituição na cidade de Juazeiro do Norte, que atuou em prol da causa LGBT+. Apesar de ter tido uma atuação curta, durando apenas 5 anos, a casa de apoio aos



homossexuais tem grande relevância na construção do movimento homossexual de Juazeiro, pois o grupo abriu o caminho para o advento de outros grupos de apoio à causa no município.

No ano de 2002, época da fundação da AADECHO, já fazia mais de 20 anos desde a atuação do movimento LGBTQ+ no país, inaugurado pelo grupo SOMOS e pelo Jornal Lâmpião de Esquina. Apesar da resistência e do estigma instituído com o advento da AIDS, os ativistas já haviam conseguido trilhar um longo caminho de conquistas, mostrando-se ser bastante promissor. Independentemente de ser um movimento crescente, tendo como símbolo as controversas paradas do orgulho gay, que juntavam centenas de homossexuais e simpatizantes nas grandes e médias cidades. Em muitos lugares, como nas cidades do interior nordestino, o movimento ainda não havia chegado, ou atuava de forma parca, como na cidade de Juazeiro do Norte. Que, até meados de 2002, não contava com qualquer instituição que desempenhasse o trabalho de acolher e prestar assistência a essas identidades periféricas.

A cidade de Juazeiro do Norte se destaca como a maior cidade do Cariri cearense, com um PIB de 17.354,57 e uma população de 286.120 habitantes. A cidade tem se mostrado um polo de crescimento econômico e industrial, tornando-se referência econômica tanto para a região do Cariri cearense quanto para cidades de outros estados que fazem fronteira com a região.

Além da importância econômica, o município se destaca com relação aos aspectos religiosos. Conhecida como a capital da fé nordestina, todos os anos em Juazeiro atrai centenas de devotos que lotam a cidade atraídos pelo legado do santo milagreiro nordestino, o padre Cicero. Só no ano de 2023, a cidade recebeu cerca de 3.000.00 pessoas, atraídas pelas romarias. Ou seja, a fé, além de ser um aspecto cultural e social de suma relevância para a região, tornou-se um produto econômico valioso. Quando analisamos esses aspectos religiosos, fica evidente as resistências a que o grupo AADECHO teve que enfrentar durante o seu período de atuação.

Apesar de não encontrar condições favoráveis, infligindo a normalidade patriarcal e religiosa, no ano de 2002, o movimento homossexual passa a atuar no município de Juazeiro do Norte, movimento que se concretizava na fundação da AADECHO. Precisamos salientar que antes do advento da instituição, houve algumas tentativas de forma um movimento atuante na cidade. Todavia, essas primeiras iniciativas encontraram grande resistência tanto no meio social, que não aceitavam tal escândalo em uma cidade santa, como era o caso de Juazeiro, onde



a homossexualidade somente poderia ser “aceitada”, tolerada e ignorada, desde que não ousasse aparecer em lugares públicos.

Essas primeiras iniciativas também encontraram fortes oposições entre a própria população homossexual. Pois, devido aos altos índices de violência e de intolerância na região, as pessoas tinham receio de se aproximar, de serem associadas a um grupo que de imediato revelasse a sua sexualidade, o que poderia levar a serem alvos de represálias. Naquela época, a homossexualidade era vivida às escondidas, longe dos olhares sociais, o fato de ser associado a uma movimentação que revelava a sua sexualidade era tido como inconcebível, é o que destaca o entrevistado:

As pessoas não tinham hoje, você ver a liberdade das pessoas dizerem quem elas são. Mas aquela época, só quem tinha muita coragem mesmo, que enfrentava a sociedade, dizendo a sua orientação sexual. Muitos LGBTs da época, mantinham as escondidas, por conta da questão familiar, das pessoas, da própria sociedade não aceitar. Quando as pessoas passavam as ruas por exemplo, que tinham um andado diferenciado, não padronizado, e as pessoas desconfiavam de longe, essas pessoas serviam de chacota. As pessoas riam dela, debochavam, até vaiavam. Na rua era um preconceito tremendo que havia na cidade de Juazeiro do Norte naquela época (Entrevistado).

Podemos caracterizar a criação da AADECHO na cidade, como a instituição de dois marcos. Em primeiro lugar, a chegada do movimento que até então não atuava no município, sendo o movimento de Juazeiro o primeiro de toda a região do Cariri. Em segundo, a instituição de uma fundação que atuou no fornecimento de um apoio e subsídio para essa população. É necessário destacar que nesses lugares onde não existia nenhum apoio do poder público, esses grupos passaram a desempenhar, no sentido de ser o único ambiente que vão prestar, mesmo que seja incipientemente, uma assistência psicossocial para esses sujeitos. Indivíduos que em suas casas são hostilizados e nas ruas têm seus corpos cunhados pela violência, mas que nessas instituições encontram apoio e instrumentos para poderem recuperar as suas dignidades.

Como já salientamos, a AADECHO inaugurou a atuação da movimentação LGBT+ na cidade. Porém, existiram algumas ações de um projeto que tinha o intuito de distribuir preservativos e conscientizar acerca do sexo seguro. Essas ações eram encabeçadas mediante o apoio do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), um grupo de assistência com sede em Fortaleza. Em Juazeiro, o grupo não exercia uma função de assistência de fato, nem de



organização de um movimento popular em favor da afirmação sexual, de militância contra a homofobia. As iniciativas que eram desenvolvidas mediante o apoio do GRAB ficavam no campo de um assistencialismo.

As ações desenvolvidas pelo grupo GRAB em Juazeiro se davam por um agente comunitário de saúde, que em parceria com o grupo, tinha um projeto chamado Flor de Lis. O projeto Flor de Lis consistia na distribuição de preservativos em vias de grandes movimentações, como em mercados e na praça Padre Cicero. Contudo, essa distribuição se dava de forma bastante simbólica. Os preservativos eram distribuídos somente para aqueles sujeitos que tivessem realizado um cadastro previamente junto ao projeto, como destaca o entrevistado:

(...) e aí hoje, eu compreendo que era um projeto que tinha que era do GRAB, de Fortaleza. E o Tião era o agente multiplicador em Juazeiro. Então, o que acontece, o GRAB pedia para o Tião, como agente multiplicador em Juazeiro, distribuir esses preservativos, como forma de prevenção as DSTs, que a época chamava de DST/AIDS. E o Sebastião fazia isso, só que a época me deixou inquieto, porque se é para distribuir, tem que ser para a população LGBT em geral (Entrevistado).

Em virtude dessa carência de um órgão que pudesse fornecer um apoio em uma escala maior, é encabeçado o projeto da AADECHO. Sendo assim, um grupo de amigos, inspirados pelas iniciativas que já vinham sendo desenvolvidas em parceria com o GRAB, fundam a AADECHO. Quando a instituição é concebida, o seu intuito era suprir essa lacuna. Uma instituição registrada e que pudesse fornecer um subsídio à população homossexual contra a violência, a discriminação e as DST/AIDS. Intensificasse a distribuição de preservativos, servindo como um canal de informações em favor da prevenção contra as DST.

Então eu entrei em contato com o GRAB, e perguntei o porquê disso, ser selecionado as pessoas, me falaram que era o projeto que eles tinham e que o Tião era o agente multiplicador. Mas me deram a ideia, fundem aí no Juazeiro uma associação, registre ela e aí a gente entra com um projeto pra ver se a gente consegue algum fundo, e aí a gente faz a distribuição maior. E isso foi feito. De imediatamente reunimos um grupo de pessoas. E aí a gente, surgiu a ideia de se funda o primeiro movimento registrado LGBT de Juazeiro, que se chamava a época AADECHO (Entrevistado).



O projeto inicial era de tentar conseguir recursos junto ao Governo Federal, contudo, para o projeto poder ser aprovado, era necessário o recolhimento de assinaturas que fossem favoráveis à criação da organização. Uma vez fundado, o projeto poderia ser enviado para a homologação no Ministério da Saúde. Devido à negativa no recolhimento de assinaturas em Juazeiro, os idealizadores se deslocaram até o Caudas, um balneário localizado na cidade vizinhas em Barbalha, na tentativa de recolher as assinaturas necessárias para a aprovação do projeto.

Ao chegarem no local, foi feita uma assembleia para apresentação do projeto. Foi assim que os idealizadores conseguiram as assinaturas suficientes para a aprovação da associação. Com a instituição registrada, já poderia reunir as forças necessárias para a obtenção de recursos que propiciassem o funcionamento da associação. Nesse primeiro momento, era necessário reunir recursos para custear inclusive a sede, já que, naquele primeiro momento, ela funcionava apenas no papel.

Em parceria com o GRAB, a associação cria o primeiro projeto, que consistia na distribuição de preservativos para a população homossexual. A proposta é encaminhada para a apreciação do Ministério da Saúde do Governo Federal. Contudo, para a entidade poder receber os repasses, era necessário cumprir alguns requisitos. Entre eles implicavam em ter uma sede. Como nesse primeiro momento não havia recursos para o aluguel de um espaço, a sede da associação passou a funcionar em um local cedido. Uma sala no antigo cinema que se localizava em frente à Praça Padre Cícero, o antigo CINEDT. Os encontros eram realizados sempre à noite, quando o espaço estava vazio.

No mesmo ano de fundação da associação, em 2002, saiu o parecer favorável do Ministério da Saúde. A agilidade na firmação de um convênio com o ministério se deu em grande medida devido ao alto número de contágio pelo vírus da AIDS. Além disso, a trazia muitas vantagens para o poder público, o Estado entraria com os recursos e a instituição executava o trabalho de campanha e de prevenção. Trabalho esse que era prerrogativa do Estado. Outra questão a ser considerada eram as políticas de estados que estavam sendo desenvolvidas naquele momento. O governo do então presidente Lula, que vinha desempenhando uma política que consistia na aproximação com a sociedade civil.



Ainda no ano de 2002, a associação recebeu o primeiro repasse de recursos, inicialmente no valor de 5 mil reais. O qual foi utilizado no projeto de distribuição de preservativos e testes de HIV. Era inegável o papel que a AADECHO estava desempenhando no município. Naquela época, não existia de fato uma preocupação do poder municipal na discussão e na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, nem muito menos havia assistência médica para os indivíduos que, por desconhecimento, acabassem se contaminando.

(..) sim, há época havia muita falta de informação. Se há época, você pegasse um preservativo, e abrisse o preservativo em uma praça pública, ou em algum local para explicar o uso do preservativo, aquilo era um escândalo. As pessoas não aceitavam aquilo, uma imoralidade, uma coisa proibida. E há época, houve-se muita resistência com a questão de se informar a população sobre essa questão de preservação. E justamente, é isso (Entrevistado).

Naquela época, não havia tratamento contra o HIV na cidade, quem eventualmente contraísse o vírus teria que se deslocar até a capital em busca de tratamento. O deslocamento era realizado em um ônibus cedido pela prefeitura. Na grande maioria dos casos, as pessoas eram orientadas a darem endereços correspondentes à capital, em uma clara tentativa de maquiar os reais dados de contaminados na cidade.

Percebendo a inércia do município em formular campanhas que pudessem conscientizar e fornecer informações sobre a transmissão do vírus da AIDS, e o crescente aumento no contágio, a instituição inicia os trabalhos de prevenção. Sobre as campanhas de prevenção ao vírus da AIDS, dois trabalhos se destacaram, o projeto H2omens e o Trupe da Saúde.

Com as campanhas, arregimentaram-se uma série de movimentos e questionamentos acerca dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Na visão daqueles que questionavam a sua atuação, a instituição, através de suas campanhas, acabava por incentivar a prática da homossexualidade, o que era inconcebível. Outrossim, era questionado o fato de a entidade estar sendo beneficiada por repasses de recursos do Governo Federal. As justificativas eram existirem outras causas que eram prioridades como é destacado “(...) muitas pessoas diziam, como pode, uma instituição que mal foi criada e já recebeu 5 mil reais do Governo Federal, sabendo da dificuldade que se é para receber algum recurso público, e principalmente para a população” (Entrevistado).



Tendo em vista o cenário de contaminação de homossexuais por DST, o projeto de Prevenção H2omens surgirá com o intuito de beneficiar principalmente os garotos e as garotas de programa que mais sofriam com a contaminação. Para a concretização do projeto, foram liberados cerca de 26 mil reais. Os trabalhos consistiam na elaboração de cursos formadores, com o intuito de instrumentar os indivíduos acerca dos cuidados necessários com a prevenção, e para aqueles que eram soros positivos, as orientações necessárias no convívio com o vírus. Além disso, buscou-se instrumentar esses sujeitos, para que eles se tornassem agentes multiplicadores de informações.

Já o Trupe da Saúde era uma ação mais interativa. As ações se concentravam em conscientizar acerca da prevenção contra as DST e da afirmação homossexual. O projeto reunia a conscientização com artes circenses. O projeto tinha o intuito de, mediante apresentações culturais em lugares públicos, como praças, conscientizar as pessoas acerca da importância do sexo seguro e dos direitos da população homossexual.

Além desses projetos, a instituição foi a responsável por organizar a primeira parada pela livre expressão sexual no município de Juazeiro do Norte, no dia 25 de junho de 2004. O evento atraiu cerca de 2.000 mil pessoas, foi considerado um marco, tendo em vista o receio por parte do grupo do evento ser boicotado. A parada tinha como objetivo mostrar que a população homossexual existia e que era necessária a garantia do respeito e da cidadania para esses sujeitos. O evento teve ainda o intuito de cobrar do poder público municipal leis e medidas que pudessem servir como ferramenta contra a homofobia e a discriminação.

Além de promover a primeira parada gay, a instituição foi a responsável por promover o I Fórum de Atenção às pessoas vivendo com HIV, que ocorreu durante os dias 17 e 28 de junho de 2004. O fórum tinha como tema Qualidade de Vida: uma busca contínua. Uma semana de comemoração à livre expressão sexual, com debates, mesas redondas e o primeiro fórum dedicado às pessoas com HIV (JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2004).

Na época, os registros mostravam um número de 92 pessoas infectadas pelo vírus no município, entretanto, esse número era recebido com certas ressalvas, já que não havia tantas testagens. Acreditava-se que o número poderia ser bem maior, contribuía com essa situação, a falta de estrutura, insumos e a própria resistência à testagem. Tendo em vista esse cenário, o grupo incentivava a testagem anônima, sem qualquer identificação do indivíduo testado.



Ao longo dos seus 5 anos de atuação no município de Juazeiro do Norte, a AADECHO sofreu inúmeras perseguições e resistência. Naquela época, a homossexualidade somente poderia ser tolerada desde que estivesse longe dos olhos da sociedade, e isso implicava na exclusão social de direitos básicos. O direito de habitar os lugares públicos sem temer o risco de ser agredido, de poder, como qualquer outro cidadão, expressar a sua livre orientação sexual. Quando a associação surge, esse foi o seu grande papel, representar essa população excluída e marginalizada.

Avé Maria, resistência demais. Na época, 2000, 2005, por aí, a gente sofria uma perseguição tremendo. Porque aquela época era muito escondida. As pessoas não tinham hoje a liberdade que se tem, de chegar em qualquer esquina, em qualquer casa dizendo a sua orientação sexual, sem temer a nada. Naquele tempo, naqueles anos as pessoas se escondiam, né. Não gostavam muito de aparecer, mas quem estava à frente de uma instituição dessa, dava a cara a bater para cuidar de tantas outras pessoas que estavam escondidas sem querer aparecer. A resistência muito grande (Entrevistado N° 01).

Apesar da relevância dos serviços prestados pela AADECHO, as ações nunca saíram do campo do assistencialismo, ações necessárias, mas que de fato não são efetivas no empoderamento de grupos contra a opressão. Necessário fazer uma distinção entre o movimento assistencialista e o movimento social. O movimento assistencial está cumprido, a prerrogativa que cabe ao Estado, fornecendo condições assistenciais que cabem aos gestores. Na prática, ele está apenas fazendo a manutenção daquela situação vivenciada por esses sujeitos. Já o movimento social reivindicador tem por características instruir e capacitar esses indivíduos para poderem agir em detrimento dos seus direitos.

Além disto, o movimento desenvolvido pelo instituto se assemelhava a um cooptado pelo Estado. Concordamos com a socióloga Gohn (2013), quando ela realiza uma crítica a essa prática. Segundo Gohn, os sujeitos que antes se encontravam distribuídos em grupos, com suas identidades e ações, com suas vontades e objetivos próprios. Agora eles iram ser mobilizados pelas políticas estatais, ou seja, eles perdem sua autonomia e vontades. Passando a negociar suas identidades políticas construídas historicamente em ações sociais, agora passam a ser governados por instituições em parceria com o Estado.



A luta pela construção e afirmação de uma identidade política é perdida. Através de suas políticas, o Estado junta todos esses indivíduos, como se eles forcem uma grande massa sem distinções e objetivos próprios. Suas demandas acabam perdendo suas legitimidades, suas coordenações deixam de pertencer às associações de bairros, lugares centrais ao serem elas as agitadoras, são elas quem elencam as necessidades que iram ser requeridas. Agora essas coordenações vão pertencer aos gabinetes que se encontram em um espaço controlado pelo estado civil (Gohn, 2013). Uma vez tendo iniciado esse processo, as ações, nos dizeres de Gohn, passam a ser “estimuladas de cima para baixo” (2013, p. 20).

É necessário apontar que, apesar de terem desenvolvido ações com foco na construção de uma sociabilidade para a população homossexual no município de Juazeiro, incentivando a formulação de políticas públicas, esse não era o alvo da associação. Desde o início, o seu foco era o combate à disseminação do vírus da AIDS na região. Já que essa era a prioridade do Governo Federal, financiador do grupo.

O ano de fechamento da AADECHO é incerto, no entanto, os documentos analisados apontam para uma atuação de 5 anos na cidade, de 2002 a 2007. A organização, que nasce visando apoiar, defender e promover a cidadania aos homossexuais, chega ao seu fim. Encerrando toda uma trajetória de luta, defesa e de afirmação da cidadania homossexual. Entre os principais motivos que nortearam o seu fim, está o desentendimento entre os seus fundadores.

#### **4. Conclusão**

Em suma, ao analisarmos a trajetória do grupo AADECHO, na cidade de Juazeiro do Norte, constatamos a importância que o grupo teve em iniciar para a construção de um movimento de militância homossexual na região. O grupo foi o responsável por inserir no campo social discussões voltadas para a temática homossexual, ações que serviram de base para a construção de uma agenda política homossexual no município.

Mesmo com um tempo de vida curto, o grupo AADECHO teve uma importante atuação no sentido de ser a primeira instituição formada com o intuito de fornecer apoio à comunidade homossexual de Juazeiro. Além do seu legado de luta, a instituição deixou a LEI n.º 2887, de autoria do vereador Fabio José, a qual foi aprovada pela câmara municipal no ano de 2004, mas



que só foi sancionada em 10 de maio de 2005. Que passava a instituir o dia 28 de junho, como dia do Orgulho Gay e Livre Expressão Sexual na cidade.

### Referências

CAETANO, Marcos. Rodrigo. Vale.; RODRIGUES, Alexsandro.; SILVA, Cláudio. Nascimento. A mobilização social e resposta comunitária LGBT à AIDS – itinerários reflexivos. #Tear: **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3405>. Acesso em: 13 dez. 2023.

TORRES, Geovane. Gesteira. Sales; LEITE, Maria. Laís. Santos. A conquista de direitos LGBT entre conservadorismo e políticas identitárias em Juazeiro do Norte, Ceará: uma análise da legislação municipal entre 2000 e 2020. Juazeiro do Norte-CE. **Revista Direito e Dialogicidade**, Crato, V. 8. N. 1, 2022. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/view/3694>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CARNEIRO, Ailton. José. Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis. 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235\\_ARQUIVO\\_Amortedaclinica.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235_ARQUIVO_Amortedaclinica.pdf). Acesso em: 13 dez. 2023.

LACERDA, Luciana. Xavier. Basto; SANTOS, Cláudio. Eduardo. Félix. O movimento LGBT no Brasil: reflexões sobre trajetória e lutas (1970 – 2000). **X Encontro Estadual de História ANPUH/Bahia**, Vitória da Conquista, 2020. Disponível em: [https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1598634909\\_ARQUIVO\\_2f64f86751dbec0b194779f24de4771a.pdf](https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1598634909_ARQUIVO_2f64f86751dbec0b194779f24de4771a.pdf). Acesso em: 13 dez. 2023.

CAMAROTTI, R. **A trajetória do movimento LGBT: a luta por reconhecimento e cidadania no contexto brasileiro e baiano**. Dissertação (Mestrado Ciência Sociais) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19823>. Acesso em: 13 dez. 2023.



SANTOS, Sérgio Lima dos. **Processos de emergência e de definição da homofobia como um problema público no Brasil**. 2018. 246 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2\\_90205ca6437fbb87c1b30479eac3f802](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_90205ca6437fbb87c1b30479eac3f802). Acesso em: 13 dez. 2023.

GHON, Maria. Da. Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis- RJ. Editora Vozes Ltda, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/3283/2218>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MOLINA, Luana. Pagano. Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Revista Antítese**, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1933/193321417022.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Juazeirenses terão Dia do Orgulho Gay. *Jornal Diário do Nordeste*. 2011. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/juazeirenses-terao-dia-do-orgulho-gay-1.24446>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Fórum debate qualidade de vida dos portadores de Aids. *Jornal Diário do Nordeste*. 2004. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/moradores-de-juazeiro-do-norte-aplaudem-desfile-1.84970>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Movimento contra a discriminação. *Jornal Diário do Nordeste*. 2007. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/movimento-contra-a-discriminacao-1.294482>. Acesso em: 13 dez. 2023.

---

## DOTES, MATRIMONIOS E SUBMISSÃO: AS MULHERES NA CAPITANIA DA PARAÍBA NO PERÍODO COLONIAL

Gabriely késia de Oliveira Loa  
Universidade Federal de Campina Grande  
gabriely.kesia@estudante.ufcg.edu.br